

Até 2009 Brasília ganha um Centro Cultural completo

CORREIO BRAZILIENSE

12 JAN 1989

A construção do Conjunto Cultural da Capital da República poderá começar ainda no governo Sarney. Mas é uma obra de longo prazo, com o término calculado para o ano 2009, dada a sua complexidade, peculiaridades arquitetônicas e sobretudo por causa das dificuldades que surgirão com relação à disponibilidade de verbas. Esse, inclusive, foi um dos pontos mais discutidos ontem durante a 3ª Reunião da Comissão do Conjunto Cultural, criada pelo presidente José Sarney.

A reunião — onde estavam presentes Antônio Houaiss, Jorge Amado, Pietro Maria Bardi, o ministro Paulo Brossard, da Justiça, José Aparecido, da Cultura, Crodowaldo Pavan, do CNPq, Celina Moreira Franco, do Arquivo Nacional —, conduzida pelo secretário executivo da comissão, Virgílio Costa, assessor de Sarney, serviu para definir, entre outras coisas, a criação de uma Sociedade de Amigos do Conjunto Cultural.

A preocupação maior do grupo que estuda o projeto aprovado em abril de 88 pelo Presidente da República, é elaborar o parecer final, do projeto para que este chegue em tempo breve ao Congresso Nacional. O filólogo Antônio Houaiss sugeriu uma semana de estudos para se marcar a data da próxima reunião, altura em que já deverá existir uma definição de todas as etapas do conjunto.

“Não se quer o conjunto como algo que centralize o acervo cultural, artístico e científico do País e sim que harmonize a literatura, as artes e as ciências, incluindo-se nele elementos da preservação da natureza, que também estão ligados ao patrimônio cultural nacional”, explicou Virgílio Costa. Quanto à sua sugestão da biblioteca do conjunto vir a ser uma espécie de Biblioteca de Alexandria, seu

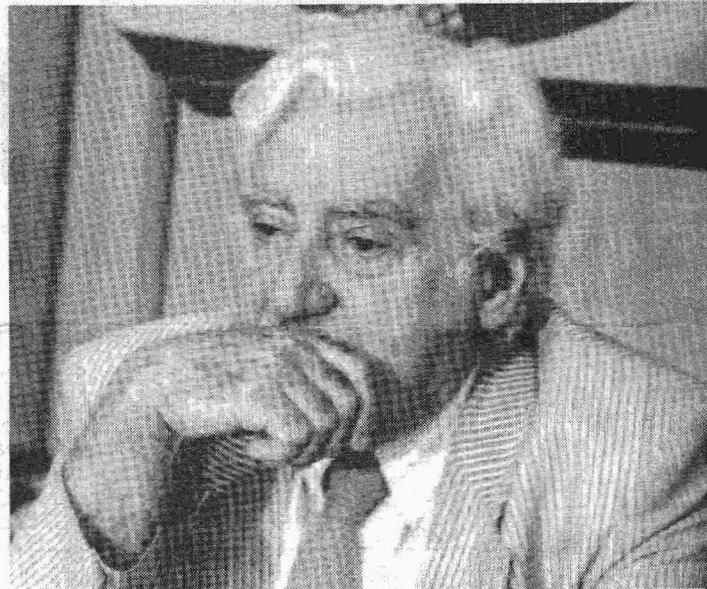
primeiro opositor foi o presidente do CNPq, Crodowaldo Pavan, afirmando que não se deveria pensar num arremedo de Alexandria. Houaiss, de seu lado, opina que esse arquivo deve ser apoiado por um sistema cibernético e telemático, que possibilite o abrigo documental de todo o País, mas evitando a centralização desses documentos.

Com a construção do Conjunto Cultural, que deverá ocupar os espaços existentes entre a Catedral e o Touring Club, o Teatro Nacional e o primeiro prédio da Esplanada dos Ministérios, Brasília se transformará numa espécie de Pólo Cultural da Nação, com a criação de um Arquivo Nacional, da Biblioteca do Brasil, Museu do Brasil, Centro de Estudos Avançados e um Fórum de Institutos (Diálogo entre o saber e o poder). O escritor Jorge Amado, ao ser indagado se não seria um contrassenso construir-se uma obra desse porte, que deverá consumir grandes somas de recursos financeiros, enquanto existem no País milhões de analfabetos e famintos, respondeu que uma coisa não impede a resolução da outra: “Pode-se resolver as duas coisas ao mesmo tempo”.

Amado não acredita na extinção do MinC e se esta vier a acontecer o Conjunto Cultural estará ameaçado. Na sua opinião, o Ministério da Cultura deveria ser ampliado, com a incorporação da Secretaria do Meio Ambiente, e o Ministério da Ciência e Tecnologia. Para ele, esta é uma obra sem interesse político, pessoal, que visa completar a obra arquitetônica de Niemeyer e tornar Brasília, como patrimônio da Humanidade, o grande pólo cultural da Nação. Sobre a questão ecológica, o autor de Jubiabá foi enfático: “Não se deve pagar pelo progresso o preço da morte”.



Houaiss: evitar a centralização dos documentos em Brasília



Jorge Amado: “A morte não é o preço do progresso”